

A IDOSA E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DE GÊNERO

Uma pesquisa participativa em Pelotas, Belo Horizonte e Brasília

THE OLDER WOMAN AND THE SOCIAL CONSTRUCTION OF GENDER

A participative research in Pelotas, Belo Horizonte and Brasilia

Thais Debli Libardoni¹, Adriana Portella²,
Lígia Maria Ávila Chiarelli³, Sirlene de Mello Sopeña⁴,
Isolda de Araújo Günther⁵ e Adriana Viebrantz Braga⁶

Resumo

Num contexto de envelhecimento populacional e de feminilização da velhice, o envelhecer masculino se diferencia do feminino. Mulheres idosas enfrentam desvantagens cumulativas que prejudicam a cidadania em sua plenitude. Atividades cotidianas, como a fotografia, são historicamente sujeitas às limitações atreladas a questões de gênero. Essas restrições podem interferir em metodologias participativas baseadas na percepção do usuário. Originado numa pesquisa transnacional sobre o envelhecimento na comunidade, este artigo analisa a influência da construção de gênero na execução do procedimento metodológico diário fotográfico e na percepção ambiental em três cidades brasileiras. Idosas mostraram-se menos positivas na realização da tarefa do que idosos, apontando elevado senso crítico sobre o processo e seus resultados e sensação de inferioridade; incapacidade; temor ao julgamento e

1 Arquiteta e urbanista e mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas. É pesquisadora colaboradora no Laboratório de Estudos Comportamentais da Universidade Federal de Pelotas (LABCom/UFPel). Investiga as relações ambiente-comportamento na promoção de cidades mais sustentáveis e saudáveis para o envelhecimento.

2 Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas. Mestra em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Desenho Urbano pela Oxford Brookes University, com pós-doutorado em Planejamento Urbano pela University College London. De 2016 até 2019, foi Coordenadora no Brasil do projeto *PlaceAge*. É docente na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas.

3 Arquiteta formada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1978), é Mestra em Desenvolvimento Social pela Universidade Católica de Pelotas (2000), Mestra em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006) e Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014). Professora Voluntária (Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel). Temas: Habitação, Envelhecimento Ativo, Gênero.

4 Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas. Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas. Foi pesquisadora assistente do Projeto *Place-Making with Older Adults: Towards Age-Friendly Communities*.

5 Graduada em formação de psicólogo (1970), licenciatura em psicologia (1969) e bacharelato (1968) pela Universidade Católica de Pernambuco, mestrado em Psicologia Social Experimental (Psicologia Social) pela Universidade Federal da Paraíba (1979), doutorado em Psicologia do Desenvolvimento pela Michigan State University, EUA (1983), pós-doutorado pela City University of New York, EUA (1997-1998) e pela Carl von Ossietzky Universität Oldenburg, Alemanha (2003-2003). Tem vínculo sem ônus, desde 1993, com a Universidade de Brasília na condição de Pesquisador Colaborador Sênior. Atua nas áreas da psicologia do desenvolvimento e da psicologia ambiental.

6 Arquiteta e urbanista e mestra em Arquitetura e Urbanismo, especialista em Artes e técnica em Desenho Industrial. Foco de pesquisa são comunidades sustentáveis. Atualmente cursa artes visuais – licenciatura, e é pesquisadora colaboradora no Laboratório de Estudos Comportamentais da Universidade Federal de Pelotas (LABCom/UFPel).

insegurança no espaço público. Dessa forma, a construção da imagem de gênero afeta a participação social e atividades cotidianas, alterando a percepção do espaço urbano e exigindo alternativas metodológicas apropriadas.

Palavras-chave: cidadania, construção social de gênero, diários fotográficos, feminilização da velhice, percepção.

Abstract

In a context of population aging and feminization of old age, the aging process of men differs from that of women. Older women face cumulative disadvantages that hinder citizenship in its fullness. Everyday activities, such as photography, are historically susceptible to gender-related limitations. These constraints may interfere with participatory methodologies based on user perception. Originated in a transnational research on aging in place, this paper analyzes the influence of gender construction on the execution of the methodological procedure photo diary and on environmental perception in three Brazilian cities. Older women showed to be less positive in performing the task than men, pointing out a high critical sense about the process and its results and a feeling of inferiority, incapacity, fear of judgment and insecurity in public space. Thus, the construction of gender image affects social participation and daily activities, changing the perception of urban space and requiring appropriate methodological alternatives.

Keywords: citizenship, social construction of gender, photographic diaries, feminization of old age, perception.

Introdução

Em 2018, pela primeira vez, o número de crianças abaixo de 5 anos foi superado pelo número de pessoas com 65 anos ou mais, em termos mundiais (UN, 2019). Esse cenário de envelhecimento populacional acompanha a tendência de uma maior longevidade e uma menor mortalidade feminina, que concorre para um processo chamado de feminilização da velhice, reconhecido ainda em 1983, pelo Plano Internacional de Ação de Viena (WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1983). A feminilização da velhice corresponde ao aumento quantitativo do sexo feminino na composição do grupo etário idoso, ou seja, é um fenômeno que pode ser medido e analisado através de dados estatísticos (YANNOULAS, 2012).

Tanto o fenômeno de envelhecimento populacional quanto o de feminilização da velhice, vêm sendo registrados no Brasil. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020) apontou que, em 2019, a expectativa de vida alcançou 80,1 anos para mulheres e 73,1 anos para homens⁷. Na projeção para 2020, a população brasileira alcançaria 211.755.692 pessoas, sendo que 30.197.077 (14,26% do total da população) representariam os indivíduos com 60 anos ou mais. Destes, 44,1% seriam idosos e 55,9% seriam idosas⁸. Estendendo a projeção para 2050, a população brasileira chegaria a 232.933.276 pessoas, sendo que 66.265.645 (28,45% do total da população) representariam os indivíduos com 60 anos ou mais. Destes, 44,15% seriam idosos e 55,85% seriam idosas (IBGE, 2018).

7 Em Nota Técnica publicada em 25 de novembro de 2021, o IBGE destaca que “As Tábuas Completas de Mortalidade para o Brasil 2020 advêm, pois, de uma projeção da mortalidade, sendo certo que esta não incorpora os efeitos da pandemia da doença por coronavírus - COVID-19, iniciada naquele ano e ainda em curso no Brasil e no mundo no ano de 2021”. Fonte: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 01/2021: Tábuas Completas de Mortalidade para o Brasil 2020. Nota técnica n. 01/2021 Tábuas completas de mortalidade em ano de pandemia de COVID-19. Brasília, 2021. 9 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101889.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2022.

8 Devido ao cenário de pandemia, o censo de 2020, que ocorre a cada 10 anos, foi cancelado.

É necessário destacar que o contexto dessas projeções é anterior a 2020, ano que pode ser considerado atípico devido à pandemia da COVID-19. Nesse ano, a Organização Mundial da Saúde seguiu destacando que as pessoas estavam vivendo mais e de forma mais saudável, mas admitiu que provavelmente haveria reflexos significativos na expectativa de vida mundial (WHO, 2020). Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2020), 76% das mortes relacionadas à COVID-19 no Brasil de fevereiro a setembro de 2020, foram de pessoas com 60 anos ou mais. Entretanto, Pujol (2020) destacou que a maioria dos óbitos relacionados à COVID-19 se encontrava entre os homens, apontando uma tendência de que o processo de feminilização da velhice se fortalecesse devido à pandemia. No Brasil, Castro et al. (2021) concluíram que a redução da expectativa de vida aos 65 anos em 2020 foi de 0,9 anos, colocando o país numa situação similar àquela registrada em 2012. Além disso, os autores constataram um maior declínio para os homens, ampliando ainda mais (em 9,1%) a diferença de expectativa de vida entre homens e mulheres.

Em sociedades que estão caminhando para uma maior representatividade feminina na velhice é necessário discutir especificidades deste grupo social, pois o fator etário soma-se ao gênero, aprofundando potenciais barreiras ao pleno exercício da cidadania. Isso acontece porque, ainda que os idosos tenham particularidades comuns, homens e mulheres vivenciam o processo de envelhecimento de forma diferente (FIGUEIREDO et al., 2007). Mesmo que se reconheça um novo perfil da idosa e a transgressão de muitas barreiras impostas, deve-se compreender os contextos aos quais ela foi submetida e identificar como se processam no seu discurso permanências e mudanças, considerando o preconceito construído através dos tempos.

Disparidades de gênero se manifestam em diversos espaços, afetando sensivelmente a participação feminina em determinadas atividades e a influência da mulher nos mais variados âmbitos da cidadania. E, talvez um dos meios onde isso ocorra com mais evidência seja o ambiente urbano. Estudos salientam a percepção de insegurança e de vulnerabilidade feminina (SOUZA, 2019), além de disparidades na apropriação do espaço público conforme o gênero, que refletem uma possível maior dificuldade em configurar territórios sociais urbanos (LIBARDONI, 2018; LIBARDONI; CHIARELLI, 2019).

Relações desequilibradas de gênero também são marcantes no meio acadêmico. Lino e Mayorga (2016, p. 105) abordam a “ciência moderna como pertencente à cultura hegemônica que tem seus pilares no sexismo e androcentrismo”, destacando a masculinização da produção acadêmica. Esse fato não só reflete a limitação de acesso e participação da mulher, como também dá indícios da necessidade de uma literatura mais sensível à sua percepção de mundo, que vá além da visão androcêntrica da realidade. Nesse sentido, Narvaz e Koller (2006, p. 651) alertam que o enfoque feminista da investigação científica é complexo e envolve “Todo o processo (...) da investigação. As preocupações comuns das diversas epistemologias e metodologias iniciam com a escolha do delineamento a ser utilizado na pesquisa, uma vez que diferentes métodos conduzem a diferentes resultados”.

A partir dessa discussão inicial da literatura, entende-se que o momento é de extrema importância para estudos que abordem a participação social com foco em ambos os fatores, gênero e idade. Além disso, infere-se que pesquisas com mulheres idosas precisam considerar a experiência como um todo na aplicação da metodologia. No entanto, a discussão metodológica feminista ainda é escassa, não sendo comuns estudos que relacionem questões de gênero a metodologias que propõem atividades que demandam que a participante seja protagonista, instigando um papel ativo em espaços públicos urbanos.

Filizola e Simson (2011), por exemplo, propuseram uma atividade fotográfica urbana a um grupo de mulheres idosas numa pesquisa-ação. Os autores apontaram o interesse, a facilidade de aprendizagem e o sentimento de superação das participantes. Além disso, eles concluíram que a maior dificuldade na execução da tarefa foi devido à condição econômica das mulheres envolvidas. Entretanto, no referido estudo apenas participaram mulheres, impossibilitando um comparativo de gênero.

Este trabalho é parte de uma pesquisa transnacional com uma abordagem mais ampla⁹, que investigou o envelhecimento na comunidade em diferentes contextos socioeconômicos. A investigação ocorreu nas cidades britânicas de Edimburgo, Manchester e Glasgow e nas cidades brasileiras de Pelotas, Brasília e Belo Horizonte, em estudos de caso simultâneos. A pesquisa usou a percepção de idosos e idosas em múltiplos métodos de coleta de dados, possibilitando estabelecer um comparativo entre gêneros. Aqui, busca-se refletir sobre metodologias de pesquisa urbana, analisando a influência da construção de gênero na execução de procedimentos metodológicos que dão ao participante o protagonismo por meio de tarefas que podem ser consideradas cotidianas, como fotografar. Para isso, são interpretados dados provenientes de Diários Fotográficos identificando, no discurso de idosos e idosas, diferenças de senso crítico, percepções positivas, limitações quanto à execução da atividade proposta, e seu desempenho no meio urbano. Dessa forma, pretende-se ampliar o entendimento sobre as diferenças de gênero na participação e na experimentação da cidade, contribuindo para um enfoque feminista da cidadania.

Para conhecer o sujeito cuja percepção irá guiar uma investigação científica, é de extrema relevância compreender os processos e os contextos históricos aos quais foi submetido ao longo de sua vida, pois estes afetam diretamente sua participação ativa e inclusão na sociedade. Assim, num primeiro momento, este artigo aborda e discute esses processos tendo como foco a mulher e a mulher idosa de forma específica.

Relações desequilibradas de gênero e imobilização diante da cidadania

A origem da palavra cidadania vem do latim *civitas*, que remete à cidade “no sentido da participação dos cidadãos na vida pública” (ROLNIK, 1988). Há uma relação direta entre esse conceito e o entendimento de direito à cidade de Lefebvre (2001), pois a participação demanda o acesso a atividades, espaços e serviços públicos que fazem parte do dia a dia urbano.

Também se entende que a cidadania é impulsionada por um ambiente democrático, que atende de forma igualitária a todos os cidadãos. Entretanto, as sociedades contemporâneas têm base em uma visão androcêntrica da humanidade, apoiada na inferioridade feminina, que remonta à cultura grega. Igualmente, o código legal romano legitimou a assimetria de gêneros ao instituir as paterfâmilias, uma forma de dar poder total ao homem sobre a família (COLLING, 2004). Autores como Traverso-Yépez e Pinheiro (2005) salientam que, historicamente, as mulheres têm sido submetidas à exclusão e opressão. Já Caixeta e Barbato (2004) referenciam Bourdieu (1995), Louro (1995) e Scott (1995) apontando a “divisão” do poder: masculino, público, político (o verdadeiro poder); e feminino, privado, ligado à maternidade.

⁹ A pesquisa intitulada *Projetando lugares com os idosos: Rumo a comunidades amigas do envelhecimento*, foi liderada pela Universidade Federal de Pelotas, no Brasil, com a coordenação da Profa. Dra. Adriana Portella, e pela Universidade Heriot-Watt, no Reino Unido, com a coordenação do Prof. Dr. Ryan Woolrych. O Projeto *PlaceAge*, como ficou conhecido, foi desenvolvido de 2016 a 2019.

A imagem feminina, construída como “esposa dedicada, a ‘rainha do lar’, digna de ser louvada e santificada” e seu contraponto, a “vergonha da sociedade” (COLLING, 2004, p. 15) é usada para delimitar e restringir as funções sociais da mulher. Transpor essas barreiras lida com um preconceito construído sobre o pensamento patriarcal. Ao passo que a mulher é recorrentemente vinculada ao ambiente do lar, questões de gênero podem interferir em comportamentos e em percepções sobre espaços públicos e, conseqüentemente, em estudos urbanos baseados em vivências nos territórios e seus cotidianos (LIBARDONI, 2018). Souza (2019, p. 181), em estudo realizado no Brasil e em Portugal, conclui que a própria urbanização, através de “soluções tradicionais de mobilidade e planejamento urbano é extremamente opressora à mulher em seus deslocamentos, pois as mulheres (...) são incentivadas e reforçadas a desenvolverem sensações de vulnerabilidade e insegurança”.

Xavier (2006) ressalta discriminações ligadas ao gênero em certas atividades e Chalhoub (1986) descreve algumas delas, vinculando tipos de lazer popular, como aqueles que acontecem na rua e no botequim, a homens “vadios” que, de forma estigmatizante, estruturam a ordem patriarcal. Entende-se que a construção da imagem dos gêneros é ainda tão presente nos dias atuais que certos assuntos, atividades e atitudes ainda são considerados desconfortáveis e até mesmo são percebidos como inaturais. Além disso, Gonçalves e Belo (2007) sugerem que a maior cobrança sofrida pelo gênero feminino pode, inclusive, desencadear ansiedade mais evidente nas mulheres do que nos homens em certas atividades competitivas.

Essas relações desequilibradas de gênero conduzem ao que D’Avila (2013, p. 6) chama de “imobilização diante da cidadania”. E, como uma reação a essa imobilização, o movimento feminista busca a participação real e igualitária da mulher na sociedade, no exercício pleno da sua cidadania. Esse e outros movimentos que lutam pelos direitos civis enraizaram a construção do conceito de empoderamento a partir da década de 1970 (KLEBA; WENDAUSEN, 2009). Com origem no termo da língua inglesa *empowerment*, o empoderamento é tido como um processo multifacetado e dinâmico que envolve “aspectos cognitivos, afetivos e condutuais” e que

é apresentado a partir de dimensões da vida social em três níveis: psicológica ou individual; grupal ou organizacional; e estrutural ou política. O empoderamento pessoal possibilita a emancipação dos indivíduos, com aumento da autonomia e da liberdade. O nível grupal desencadeia respeito recíproco e apoio mútuo entre os membros do grupo, promovendo o sentimento de pertencimento, práticas solidárias e de reciprocidade. O empoderamento estrutural favorece e viabiliza o engajamento, a corresponsabilização e a participação social na perspectiva da cidadania. (KLEBA; WENDAUSEN, 2009, p.733).

Dessa forma, entende-se que o processo de empoderamento feminino em sociedades estruturalmente patriarcais precisa ser encorajado a partir dos elementos que compõem a individualidade da mulher. Esses elementos podem ser tarefas simples e cotidianas, suas percepções, desejos e necessidades, passando por elementos de representatividade identitária de grupo e, por fim, chegando ao seu papel efetivo na sociedade na qual está inserida.

A desvantagem cumulativa da mulher idosa

A sociedade contemporânea, por valorizar excessivamente os cidadãos em idade produtiva e reprodutiva, tende a desrespeitar o idoso, por vezes ameaçando o exercício

de sua cidadania (D’AVILA, 2013). E, como foi discutido anteriormente, a mulher “desde a infância, adolescência e vida adulta, constantemente é ameaçada quanto a efetivação da sua cidadania” (D’AVILA, 2013, p. 6). Assim, entende-se que os fatores idade e gênero podem somar-se na constituição de potenciais barreiras à participação social.

A importância da discussão da predominância feminina entre os idosos reside essencialmente no fato de que o envelhecer masculino se diferencia do envelhecer feminino, dadas as “desvantagens cumulativas” das mulheres idosas (DANIEL; SIMÕES; MONTEIRO, 2012). A mulher idosa tem vivenciado por mais tempo relações de poder arbitrárias (FERNANDES, 2009). É necessário destacar que a autoridade que homens exercem pode influenciar no modo do idoso perceber e vivenciar a sua velhice, conforme seu próprio gênero. Dessa forma, para as mulheres, a relação entre a passagem do tempo e a sua construção social é mais complexa (FILIZOLA; SIMSON, 2011).

A desvantagem cumulativa é salientada por Tonkiss (2005) através de um exemplo visível no espaço físico das cidades. A autora afirma que, ao longo do tempo, o espaço urbano tem sido separado por gênero, não apenas por idade. Libardoni (2018) e Libardoni e Chiarelli (2019) ainda destacam que a dificuldade de apropriação dos espaços públicos por idosos pode depender do fator gênero tanto quanto ou até mais do que o fator idade. Em estudo em diferentes tipologias de espaços públicos, as autoras apontaram formas de apropriação contrastantes por idosos do sexo masculino e feminino. As idosas demonstraram maior dificuldade em constituir territórios urbanos de sociabilidade, sinalizando a importância do fator gênero em estudos urbanos sobre o envelhecimento. Assim, é delineada uma certa descompensação na construção social do espaço urbano que interfere no direito à cidade de Lefebvre (2001) e que cria uma atmosfera de maior liberdade masculina. Enquanto os homens levam com mais naturalidade a socialização para a externalidade da cidade (SILVA, 2014), as mulheres tendem a restringi-la ao ambiente doméstico, limitando sua participação social.

Ao mesmo tempo, alguns autores apontam mudanças nos papéis sociais assumidos pelas mulheres que já cumpriram o dever como mãe. Esse marco representa a busca de novas identidades, cuidado pessoal, valorização e novas experiências. Caixeta e Barbato (p. 216, 2004) relacionam atividades externas ao “cuidar mais de si”, como as educacionais, de qualificação e saúde. Desenvolvendo outras atividades, as idosas se envolvem em novas funções, se integrando a grupos sociais e expandindo conhecimento. Assim, essa faixa etária se torna um momento propício para se libertar de antigos preconceitos e pressões sociais e se engajar em novas atividades.

Uma abordagem de gênero à metodologia científica

Para Narvaz e Koller (2006, p. 651), o feminismo é “um corpo de conhecimento filosófico-epistemológico, cujas contribuições têm sido negligenciadas, ocultadas e desvalorizadas pelos jogos androcêntricos de saber-poder”. Segundo os autores, as metodologias mais adequadas ao universo feminista são as que validam as experiências do investigado, reconhecendo-as como fundamentais na construção do conhecimento (CHRISLER; SMITH, 2004; NEVES; NOGUEIRA, 2003; TEITELBAUM, 1997). Narvaz e Koller (2006) citam Bruschini (1992), que defende que pesquisas feministas dependem menos de técnicas de coleta de dados do que da inclusão de aspectos de gênero. Os autores também citam Linton (1997) e Teitelbaum (1997) para exemplificar incompatibilidade de metodologias quantitativas e testes padronizados com investigações feministas. Eles recomendam abordagens qualitativas como a pesquisa-ação. A pesquisa-ação é parte das metodologias participativas denominadas

Community Based Participatory Research, cujo reconhecimento no desenvolvimento de soluções e intervenções urbanas bem-sucedidas é crescente (TOLEDO; GIATTI; JACOBI, 2014).

De qualquer forma, entende-se que a metodologia empregada pode, de forma mais ou menos decisiva, influenciar no enfoque do estudo e nos investigados. Além disso, ela é potencialmente capaz de evidenciar diferenças de gênero importantes para o planejamento dos espaços urbanos.

A fotografia como um instrumento metodológico participativo

A fotografia, enquanto instrumento metodológico, tem sido usada em estudos de percepção ambiental com pessoas mais velhas, como forma de acionar memórias e produzir narrativas. A foto-elicitación, consiste na “visualização, análise e interpretação de imagens fotográficas” (PAIS, 2020, p. 36) e pode ser utilizada em aplicações de entrevistas com o intuito de estabelecer a comunicação entre pesquisador e participante (HARPER, 2002). Por exemplo, Silva (2018), em um estudo sobre o cotidiano de idosas que passaram a viver em um abrigo público, registrou fotos apresentadas por elas para auxiliar a construir um discurso sobre suas próprias histórias de vida.

Os idosos são detentores de uma memória pessoal que também é uma memória social, familiar e grupal (BOSI, 2004) e, quando relacionada às suas vivências na cidade, é capaz de acessar as diversas camadas temporais que compõem o espaço urbano. Essas camadas foram destacadas pela oficina fotográfica com idosos realizada por Garros et al. (2017). Os autores salientam que, embora as fotografias produzidas pelos idosos fossem contemporâneas, muitas vezes, fatos, pessoas e sentimentos do passado eram utilizados pelos participantes para descrevê-las. Nesse sentido, a utilização da fotografia é pertinente a estudos urbanos com participantes idosos, possibilitando um melhor entendimento sobre sua percepção e o processo de construção de relações de apropriação e senso de lugar.

A fotografia pode ser usada em pesquisas de caráter participativo, por meio de oficinas e experiências que demandam o protagonismo do participante. Tanto o estudo de Garros et al. (2017) quanto o de Filizola e Von Simson (2011) introduzem a atividade fotográfica num contexto de pesquisa-ação com idosos. Com intuito terapêutico ocupacional, Garros et al. (2017) promoveram uma oficina de fotografia intermediando a percepção do idoso sobre seu cotidiano. As fotografias ocorreram em lugares selecionados pelas pesquisadoras por fazerem parte da rotina diária dos idosos, como o lago, a praça, a avenida e suas residências. Todos os lugares eram localizados no bairro em que os idosos residiam, ou seja, na sua comunidade, buscando significados inerentes à construção de seus próprios territórios.

Entretanto, esse tipo de protagonismo precisa considerar os contextos nos quais os participantes estão inseridos, inclusive as questões relativas à construção social de gênero. Guimarães (2020) aponta que o gênero feminino historicamente sofreu limitações quanto ao desempenho da atividade fotográfica. Os registros históricos, inclusive, minimizaram a participação da mulher no contexto da fotografia, muitas vezes creditando seus trabalhos a homens, como seus companheiros. A autora salienta que, da mesma forma como ocorria na maioria das artes, frequentemente a produção feminina recebia críticas que eram orientadas por questões de gênero. As críticas taxavam a produção feminina como amadora, o que levou a uma desvalorização da atividade fotográfica quando executada por mulheres. Por outro lado, uma mulher que exercia a fotografia era tida como revolucionária, isso porque a atividade representava tanto uma forma de emancipação profissional, quanto uma contestação de papéis

sociais tradicionais, atuando como “um instrumento para a construção da igualdade entre gêneros, ferramenta para superar barreiras psicológicas, sociais e culturais, subvertendo os cânones da época” (GUIMARÃES, 2020, p. 69).

Metodologia

A pesquisa que originou este estudo seguiu a perspectiva da Psicologia Ambiental, que trata das relações estabelecidas entre os indivíduos e os ambientes físicos nos quais estão inseridos (GIFFORD, 2007). Carmona et al. (2003), citando Bell et al. (1990) afirmam que o posicionamento perante o ambiente depende, dentre outros fatores, da bagagem individual que possibilita associações, comparações, acesso a memórias e preferências pessoais. Assim, pesquisas que utilizam esta abordagem precisam considerar os processos que envolveram o desenvolvimento dos indivíduos participantes.

A pesquisa se desenvolveu como um estudo de caso baseado nos preceitos da *Community Based Participatory Research*, simultâneo nas cidades britânicas Edimburgo, Glasgow e Manchester e nas cidades brasileiras Pelotas, Brasília e Belo Horizonte. Em cada uma delas, três bairros de diferentes extratos de renda foram escolhidos. O recorte abordado nesse artigo envolve as três cidades brasileiras.

Para esse estudo, além da pesquisa bibliográfica, foram interpretados dados obtidos através da atividade diários fotográficos. Essa atividade é reconhecida pela literatura por sua capacidade de trabalhar a autoestima do participante. No caso específico desse estudo, os diários fotográficos posicionaram os idosos como “portadores de memória privilegiados” (PARK, 2001, p. 43) com um papel ativo durante todo o processo.

Para a finalidade a que esse estudo se propõe, foi selecionada uma amostra representativa para atender aos objetivos da análise. Neste caso, a amostra representativa é composta de idosos participantes de ambos os sexos no Brasil: 12 em Pelotas, 11 em Belo Horizonte e 12 em Brasília.

Para o procedimento, os idosos receberam máquinas fotográficas descartáveis, junto com instruções de uso. Foi requerido a eles que registrassem fotografias do seu cotidiano livremente, sinalizando situações, lugares e pessoas que lhes são importantes, tanto positiva quanto negativamente. Ao final de uma semana, os idosos fizeram um relato sobre as imagens produzidas, possibilitando a compreensão das relações estabelecidas entre eles e suas vizinhanças, no processo do envelhecimento no lugar.

Através de análise de conteúdo, os discursos foram categorizados segundo comportamentos previsíveis a partir do referencial estudado e com foco especial em gênero: (i) experiências positivas com a execução da tarefa – prevalência de orgulho; e (ii) experiências negativas com a execução da tarefa – prevalência de senso crítico.

A descrição e interpretação dos dados serão apresentadas nas seções a seguir.

Resultados e discussão

Pelotas

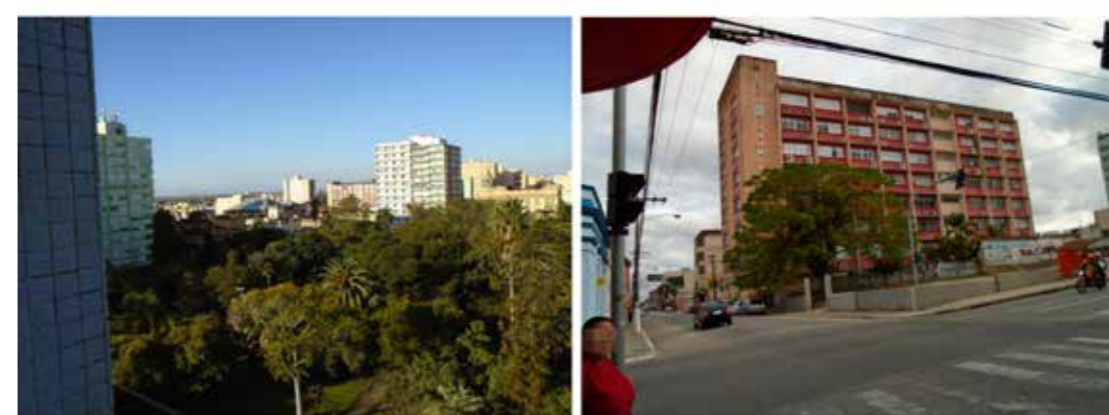
Em Pelotas, doze diários foram conduzidos, quatro em cada bairro. A Tabela 1 identifica idade e sexo dos participantes e apresenta os comentários dos idosos especificamente

CENTRO	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
JL MASCULINO, 75 ANOS	
"Aqui nós vemos a beleza de nossa praça" (...) "ao receber o convite para participar desse trabalho me senti muito orgulhoso (...) eu sei as necessidades (...) [da] terceira idade (...) eu estou aqui até fotografando e mostrando e falando da minha vida"	
DV MASCULINO, 77 ANOS	
"Olha se eu ajudei estou satisfeito."	
LG MASCULINO, 70 ANOS	
"eu me senti importante, depois veio outra colega de vocês (...) e também fizemos um trabalho." (...) "Peguei um ângulo bom" (...) "me senti importante de fazer um trabalho que acho que vai ajudar bastante (...). Fiz todo o itinerário com o maior prazer, maior satisfação"	"Um fracasso fotógrafo. Não sabe o que tu fez" (...) "Agora tem dois fracassos aí" (...) "Não sei se fiz o que vocês queriam" (...) "fiz o máximo que eu podia fazer, dentro dos meus conhecimentos." (...) "Eu espero que não decepcionei vocês."
DJNG FEMININO, 68 ANOS	
"(...) a gente vai tirar uma foto e fica todo mundo te olhando, parece que tu está fazendo uma coisa errada" (...) "nunca peguei uma máquina, aí eu apertava, quando via eu estava gravando" (...) "Podia ter tirado mais (...) estão horríveis essas fotos. (...) foi uma coisa nova, que eu nunca tinha feito (...) só que me atrapalhei (...) Que dificuldade pra registrar foto"	
FRAGATA	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
RMCF FEMININO, 60 ANOS	
"achei interessante. Tu viu que eu bati aquela (...) "	"o jeito que bati. (...) O colorido dela eu não sei fazer." (...) "essa pode apagar, (...) quando eu estava aprendendo a lidar com a máquina."
SIMD FEMININO, 64 ANOS	
"Ah é que eu não sei bater [FOTO] assim."	
LBR FEMININO, 72 ANOS	
NM FEMININO, 72 ANOS	
A senhora teve alguma dificuldade para tirar as fotos? "Não".	
NAVEGANTES	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
JF MASCULINO, 63 ANOS	
"foi algo novo (...) nunca imaginava em bater foto. Até achei que nem ia sair tão bem (...) bato foto assim pra mim, agora bater (...) pra fazer uma apresentação, achava que eu não ia sair muito bem."	"não sei bater muita foto, vou tentar bater."
CC MASCULINO, 63 ANOS	
"Essa aí tu não usa. Tu isolas (...) foi no desligar a máquina"	
GLM FEMININO 61 ANOS	
MM FEMININO 62 ANOS	
"não me dou muito pra tá saindo e batendo foto, pedindo pros outros (...) eu achei que não ia sair bem (...) achei que ia sair escura e não bati (...) "	

sobre a execução da atividade proposta, destacando passagens referentes ao orgulho e ao senso crítico na realização da atividade. A fim de manter a privacidade, os participantes estão identificados apenas pelo código da entrevista. Para esse estudo, só foram identificadas as falas referentes ao processo da atividade fotográfica, registradas quando os idosos apresentaram o resultado de seu trabalho. Quando não havia menção a esse processo, o discurso não era analisado.

A Tabela 1 mostra que os idosos do sexo masculino expressaram frequentemente que se sentiram felizes por terem sido úteis, ao colaborar com a pesquisa. Ao mesmo tempo, mostra uma certa apreensão na realização desta tarefa. Segundo Garros et al. (2017), a resistência inicial dos idosos em realizar atividades fotográficas pode ocorrer devido a fatores como (i) não terem nascido na época do surgimento da era digital e tecnológica, como os mais jovens, que possivelmente tiveram um aprendizado gradual no seu cotidiano, criando familiaridade com o equipamento e com o processo como um todo; (ii) possuírem alterações das funções visuais e táteis associadas ao envelhecimento que se somam ao tamanho reduzido dos botões e dos comandos do equipamento, comprometendo a leitura.

Entretanto, é necessário destacar que, embora a crítica esteja presente nos discursos de ambos os gêneros, houve uma maior incidência de um discurso puramente crítico no grupo feminino. Quando a crítica apareceu no discurso masculino, por vezes ela foi compensada por um comentário positivo.



	TOTAL PARTICIPANTES	TOTAL FALAS ANALISADAS	ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
HOMENS	5	7	4 (57,14%)	3 (42,86%)
MULHERES	7	7	2 (28,57%)	5 (71,43%)

Apenas 28,57% das falas femininas analisadas foram positivas, contrastando com 57,14% das falas masculinas. Em 71,43% das falas femininas o senso crítico prevaleceu, comparadas com apenas 42,86% das falas masculinas. Constatou-se que os homens com uma maior autocrítica também demonstraram orgulho em seu discurso. Há no discurso feminino (i) preocupação com o julgamento das pessoas ao realizar a atividade; (ii) justificativas para o que consideraram um baixo desempenho ou uma limitação na execução da tarefa; (iii) relatos abertos sobre suas dificuldades no processo; (iv) péssima avaliação da qualidade do material fotográfico que produziram; (v) solicitação para que alguma foto fosse apagada; (vi) alegação de incapacidade e/ou desconhecimento; (vii) pedido de desculpas pelo desempenho.

Duas mulheres (DJNG, 68 anos; MM, 62 anos) constrangeram-se ao fotografar no espaço público, sentindo-se limitadas quanto à interação e à livre manifestação no espaço urbano, ambas condicionadas às expectativas atreladas à construção de gênero (CAIXETA; BARBATO, 2004). Nesse sentido, Filizola e Von Simson (2011) relatam que as idosas participantes de sua oficina fotográfica também demonstraram inicialmente um receio de sair fotografando o bairro, e que, quando este medo foi sendo superado, o sentimento passou a ser de realização. Há de se destacar, entretanto, que no estudo dos pesquisadores, as idosas realizaram a atividade fotográfica em grupo, percorrendo juntas todo o trajeto escolhido, o que ajudou na superação de seus medos e criou um sentimento de parceria e pertencimento.

Uma idosa de 84 anos concordou em participar se fosse instruída, mas não se sentiu segura para usar o equipamento. Para contribuir com a pesquisa, ela escreveu numa carta o que teria fotografado, caracterizando uma adaptação à atividade proposta, diante da sensação de incapacidade de executá-la. Por outro lado, uma das mulheres que não se intimidou ao utilizar a câmera é líder comunitária (LBR, 72 anos). A liderança comunitária retrata uma imagem social forte, de forma que a percepção de incapacidade não se manifeste ou não atue como impeditivo no desempenho de tarefas.

Dentre os participantes do sexo masculino, destacaram-se aqueles (JL, 75 anos; LG, 70 anos) que se sentiram orgulhosos e importantes ao participar do estudo, ressaltando o caráter de valorização do usuário que advém de pesquisas participativas. Essa valorização é especialmente relevante para os idosos que vão perdendo alguns papéis sociais, seja pelo advento da aposentadoria ou pelo desligamento de grupos sociais (LIBARDONI, 2018).

AGLOMERADO	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
01RM MASCULINO, 69 ANOS	"Era pra eu tirar mais fotos de coisas"
04RM MASCULINO, 65 ANOS "É, gostei! (...)"	"As que eu fiz hoje não saíram" (...) "Em vez de eu bater na parte que bate, foi na parte que desliga" (...) " hoje deu vacilo"
02CM FEMININO, 62 ANOS 03CM FEMININO, 78 ANOS "Adorei!"	"Deu, deu certinho! A menina aquela é muito inteligente sabe, ela tem 8 anos, mas é inteligente". [AJUDA]
ANCHIETA	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
03RM FEMININO, 78 ANOS "Modéstia parte eu to até boa fotógrafa, olha que linda que ficou essa foto, a máquina ajuda né." (...) "Lindo que ficou." (...) "Não treme nada" (...) "Essa pesquisa tá dando consciência pra gente"	"Ah, porque eu costumo receber alguma coisa e não consigo, não sei qual é..." (...) "Eu queria ter tirado assim (...) mas eu tava assim, com um pouquinho de pressa".
01RM FEMININO, 60 ANOS	"É eu não fiz extremamente esta parte, (...) eu não testemunhei tudo que é o meu dia a dia".
02RM FEMININO, 61 ANOS Gostei.	"Eu fui tirando (...) realmente é difícil viu. Não é fácil não" (...) "ficaram furioso comigo que eu tirei foto." (...) "ficam revoltado de eu tá tirando foto lá" (...) "Tem gente que fala, você tá lá tirando a foto e tem gente que fala, isso ai serve pra que. Difícil né. Que que você vai responder pra ela (...)"
04CM FEMININO, 61 ANOS	
CENTRO	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
03RM MASCULINO, 81 ANOS "os prédios ficam bonitos com o céu" (...) "Eu gostei, tira uma foto, olhar as coisas assim, a maquininha é pequenininha mas é boa pra danado".	
04CM FEMININO, 63 ANOS "olha que linda." (...) "Quis mostrar os jardinzinhos como tão bonitinho" (...) "eu comentei que eu tava fotografando porque eu ia dar uma entrevista, impressionei com isso (...) é tão rápido (...) a pessoa nem vê que tá sendo fotografada"	"Quis fotografar direito" (...) "Mas eu acho que eu tava com a máquina sem definição alta, apesar de eu tá em um lugar ruim." (...) "Eu esqueci de fotografar a placa dela, porque tava mais interessada em fotografar o pretinho".
01CM FEMININO, 74 ANOS "eu acho lindo foto de linha." (...) "Ah, esta foto eu gostei. (...)"	"a que eu queria mesmo, eu não aventurei não" (...) "juro que fiquei com medo de tirar eles agredirem" (...) "Teve uma também que eu não bati não, porque ah não é privacidade demais." "Deus me livre o cara acordar me bater por causa de uma foto".

Belo Horizonte

Em Belo Horizonte, foram conduzidos 11 diários: quatro nos bairros Aglomerado da Serra e Anchieta e três no Centro. A Tabela 3 apresenta uma síntese dessas manifestações.

A Tabela 3 retrata que alguns idosos, independente do sexo, gostaram do resultado obtido após fotografarem. Se sentiram importantes, valorizados, pela realização desta tarefa. Por outro lado, mostra o receio de descontentar alguém ao não realizar a tarefa com exatidão, especialmente presente no discurso feminino.

Das falas femininas analisadas, 40% eram positivas, comparadas a 50% das falas masculinas. Enquanto isso, 60% das falas femininas analisadas apontaram senso crítico, comparadas à 50% das falas masculinas. No discurso feminino há (i) percepção de sucesso na execução da tarefa devido à ajuda externa, não a ela própria; (ii) alegação de incapacidade e/ou desconhecimento; (iii) justificativas para o que consideraram um baixo desempenho ou uma limitação na execução da tarefa; (iv) relatos abertos sobre suas dificuldades no processo; (v) preocupação com o julgamento das pessoas enquanto estava realizando a atividade; (vi) medo ou insegurança devido à vulnerabilidade no espaço público.

Duas idosas (02RM, 61 anos; 01CM, 74 anos) tiveram ações condicionadas à percepção de hostilidade do ambiente urbano, que, tradicionalmente, não é vinculado ao seu gênero (CAIXETA; BARBATO, 2004). Uma idosa reconheceu o sucesso da



	TOTAL PARTICIPANTES	TOTAL FALAS ANALISADAS	ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
HOMENS	3	4	2 (50%)	2 (50%)
MULHERES	8	10	4 (40%)	6 (60%)

tarefa devido à ajuda de uma menina de 8 anos. Nesse sentido, há de se destacar que a convivência entre jovens e idosos tem o potencial de manter os mais velhos atualizados e inseridos na contemporaneidade, auxiliando na aproximação a novas tecnologias e execução de certas tarefas (LIBARDONI, 2018).

Brasília

Em Brasília, doze diários foram conduzidos, quatro em cada bairro. A Tabela 5 apresenta o resultado dessa análise.

A Tabela 5 mostra o encantamento e o contentamento dos idosos, com algumas imagens fotografadas. Mostra a satisfação em estarem fotografando locais bonitos, locais que eles queriam mostrar na pesquisa. Entretanto, algumas mulheres idosas fizeram autocriticas no sentido de a foto não ter saído como desejavam, e outras, estavam intimidadas em fotografar outras pessoas por não querer atrapalhá-las.

Na Tabela 6 está a frequência com que cada uma das categorias é citada nos discursos. Na Vila Weslian Roriz, alguns participantes tiveram dificuldade em manusear a câmera. Por tratar-se de um bairro de baixa renda, pode ter havido o bloqueio de origem socioeconômica retratado por Filizola e Simson (2011), devido ao acesso limitado a tecnologias. Entretanto, os autores destacam uma característica marcante apresentada pelo grupo de idosas participantes de sua pesquisa: a de aprender com facilidade. Garros et. al. (2017) também observaram em sua oficina fotográfica com um grupo de idosos predominantemente composto por mulheres que 22% deles sentiram uma dificuldade inicial por falta de familiaridade com o equipamento fotográfico, mas todos eles relataram que aprenderam com os encontros. Alguns participantes, inclusive, se referiram à atividade como uma superação.

Algumas diferenças relacionadas ao gênero dos participantes foram observadas. Enquanto todos os homens que se manifestaram quanto à realização da tarefa o fizeram de forma positiva, as mulheres, mais uma vez, apontaram mais senso crítico (38,46% do total de falas femininas analisadas). No discurso feminino, há: (i) autocritica quanto à adequação à tarefa; (ii) justificativas para o que consideraram um baixo desempenho ou uma limitação na execução da tarefa; (iii) solicitação para que alguma foto fosse apagada; (iv) péssima avaliação da qualidade do material fotográfico que produziram; (v) preocupação com o julgamento das outras pessoas enquanto estava realizando a atividade; (vi) imagem física depreciativa de si mesmas, retratada nas fotografias. Destaque para a idosa (MIJ, 67 anos), que se intimidou pela presença de muitas pessoas no espaço urbano, antecipando uma reação negativa à atividade.

Tabela 5 - Experiências na realização dos Diários Fotográficos em Brasília. Fonte: PlaceAge, 2019. Imagem 5 - "Essa primeira foto é a foto de um pôr do sol, que aqui na quadra nós temos o privilégio de assistir". Participante da Asa Norte, masculino, 68 anos. Imagem 6 - "não fui eu quem tirei, foi a máquina só, eu andando, eu não tirei nenhuma, eu tava com ela com o lado que tava fotografando pra mim" (...) "fui fotografando e nem percebi (...) e não sei o que eu fiz, sei que saiu" (...) "Não tirei nenhuma minha, eu não gosto de fotografia". Participante da Vila Weslian Roriz, MIJ, feminino, 67 anos. Imagem 7 - "Ah, linda, olha como fica o dia, tá amanhecendo, se tá vendo como fica escuro, né, lindo demais". Participante da Vila Weslian Roriz, MIJ, feminino, 67 anos. Imagem 8 - "Ela não apareceu direito, olha a igreja lá" (...) eu fotografei de longe". Participante da Asa Sul, TA, feminino, 66 anos. Fonte: PlaceAge, 2019, pg. 332, 334, 336.



ASA NORTE	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
002 MASCULINO, 68 ANOS	
"essa primeira foto é a foto de um pôr do sol, que aqui na quadra nós temos o privilégio de assistir" (...) "Essa foto mostra uma das bênçãos da nossa quadra"	
003 MASCULINO, 66 ANOS	
04MCBS FEMININO, 70 ANOS	
"E tem outra bem bonita também"	"Eu ia tirar pra mostrar mais era uma parte negativa né."
01RLBG FEMININO, 71 ANOS	
"Eu tenho todas essas imagens, (...) está vendo aqui essa parte? (...) olha que beleza." (...) "Olha aqui essa visão, Isolda" (...) "olha que beleza (...) agora olhe o pôr do sol" (...) "Olha que beleza, isso é aqui na quadra" (...) "tem foto aqui, vou lhe mostrar, maravilha"	
ASA SUL	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
PT MASCULINO, 73 ANOS	
NA FEMININO, 60 ANOS	
"Essa é do parquinho os dois, que eu queria mostrar que esta desmatado" (...) "tem mais fotos (...) que eu queria mostrar (...)"	
RF FEMININO, 65 ANOS	
"E, deixa só eu terminar de mostrar. Não tem muitas não. Aqui eu tirei da fachada dos blocos pra ver toda a fachada padronizada."	
TA FEMININO, 66 ANOS	
"Eu até fotografei isso na porta da escola a calçada."	"(...) ela não apareceu direito, olha a igreja lá" (...) "Eu fotografei de longe (...)"
VILA WESLIAN RORIZ	
ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
MB, FEMININO, 69 ANOS	
"A essa foi a última né, olha que coisa linda. Dá uma olhada nessa imagem. O que é que tu achou?"	"deixa essa [FOTO], ou não pode?" (...) "Pode apagar né. É pode apagar." (...) "eu bati a foto só que não saiu as flores, eu falei, ah não! Pois é, esta foto deixa, deixa esta foto?" (...) "credo, saiu o pregador, como é que fala... Do varal menina, nem tinha visto oh..." (...) "Eu tirei, ficou muito longe não ficou?" (...) "eu queria tirar da sinaleira e não saiu a sinaleira"
LO, MASCULINO, 71 ANOS	
"essa [FOTO] aí mostra aquilo que eu falei" (...) "Foi um prazer participar da pesquisa, (...) o tema é muito importante (...) fico satisfeito de poder colaborar."	
MIV, FEMININO, 71 ANOS	
"eu falei deixa eu tirar uma foto aqui, aí eu tirei, só tava a gente." (...) "tava todo mundo lá pra dentro, aí eu falei deixa eu tirar a foto aqui." (...) "Eu tirei porque eu achei bonito a frente da casa dela"	"Que foto é essa? (...) Acho que não foi eu quem tirei não, foi sem querer mesmo" (...) "Essa aí eu tentei tirar, mas pega sol nessa pedra." (...) "Não sei como é que não saiu aquela (...) Eu tirei duas" (...) "Podia ter tirado mais (...) mas aí todo mundo comendo fica chato né você tirar foto."
MIJ FEMININO, 67 ANOS	
"elas: que chique você tá fotografando, e eu falei é um trabalho." (...) "Ah linda, olha como fica o dia, tá amanhecendo, se tá vendo como fica escuro né, lindo demais" (...) "Essa é mais bonita ainda, eu devia ter tirado só uma" (...) "coisa mais linda (...) aí eu falei hoje eles tão aqui, vou fotografar" (...) "Mas a do nascer do sol ficou linda"	"eu nunca gostei de tirar foto, to me sentindo tão envelhecida ultimamente." (...) "não fui eu quem tirei, foi a máquina só, eu andando eu não tirei nenhuma, eu tava com ela com o lado que tava fotografando pra mim." (...) "foi fotografando e (...) nem percebi (...) e não sei o que eu fiz, sei que saiu" (...) "Não tirei nenhuma minha, eu não gosto de fotografia." (...) "eu fotografei, mas não saiu porque eu tava com o lado errado pro lado deles né." (...) "Esse lado aqui que tava pra mim, (...) então eu tava me fotografando. Ah eu tinha que (...) olhar aqui. Mas (...) na telinha não mostra o que eu vou fotografar (...) É por isso que eu fotografei nadinha" (...) "eu pensei vou fotografar, mas aí tinha muita gente lá, sei lá pode não gostar." (...) "Chamar a atenção, fotografar faz um barulhinho, tirar a atenção deles né."

	TOTAL PARTICIPANTES	TOTAL FALAS ANALISADAS	ORGULHO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA	SENSO CRÍTICO NA REALIZAÇÃO DA TAREFA
HOMENS	4	2	2 (100%)	0 (0%)
MULHERES	8	13	8 (61,54%)	5 (38,46%)

Análise dos resultados

De modo geral, as participantes mulheres demonstraram menor manifestação positiva na realização da tarefa do que os participantes homens. O principal elemento identificado nos discursos das idosas foi uma forte autocrítica em relação ao resultado produzido, antecipando possíveis críticas. As atitudes e relatos relacionados ao desenvolvimento da tarefa demonstraram:

1. Avaliação negativa do material produzido por elas;
2. Alegação de incapacidade e/ou desconhecimento;
3. Justificativas para baixo desempenho;
4. Preocupação com o julgamento dos outros ao realizar a atividade;
5. Intimidação para agir livremente no espaço público;
6. Relatos abertos sobre dificuldades no processo;
7. Identificação de sucesso devido à ajuda;
8. Pedido de desculpas pelo desempenho;
9. Autoimagem física depreciativa, impedindo autorretratos;
10. Medo, insegurança e vulnerabilidade no espaço público.

Ao mesmo tempo que as mulheres expressaram certa sensação de inferioridade; incapacidade feminina e insegurança quanto ao espaço público, os homens buscaram reforçar a rejeição à hesitação, destacando pontos positivos da sua produção, mesmo quando descreviam alguma dificuldade. Nem sempre as limitações são identificadas pelas mulheres como impeditivos do gênero, mas como escolhas pessoais, tentando minimizar a posição de inferioridade (GARCIA; JUNIOR, 2002). Este fato não diminui restrições, apenas mascara um pensamento que, dada a evolução da discussão de gênero, já não tem a força e a legitimidade de outrora.

Quanto à percepção de incapacidade feminina, há uma ideia de que "tudo o que é pensado, esperado e apresentado pelas mulheres é inferior." (RICHARTZ; SANTANA, 2010, p.2). Ao mesmo tempo, há uma maior cobrança sobre o gênero feminino, baseada numa imagem inalcançável, gerando autorrecriminação excessiva (LOMBARDI, 2006). Em contrapartida, o senso crítico exacerbado vai contra a construção da imagem masculina, que rejeita a hesitação. Esse resultado corrobora a ideia de que, para os homens, manifestações de fraqueza e fragilidade não devem ser expostas (NORBERT; SCOTSON, 2000; apud OLIVEIRA, 2004).

Tudo se passa como se, cotidianamente, a mulher estivesse sendo julgada, ainda que por desconhecidos, em meio urbano. Esse receio é abordado por Goldenberg (2011) que vincula a maior facilidade de construção da intimidade da mulher em situações nas quais o medo de ser julgada, rejeitada, criticada e ironizada não está presente. Num exemplo mais extremo do medo de julgamento, Freitas (2014) aponta que este é um dos principais motivos para que haja resistência da mulher em desvincular-se de seu parceiro, em casos de violência doméstica.

Para Dias (2005), as mulheres tendem a enfatizar na fala aspectos que denotam preocupação com o interlocutor. A afirmação dessa autora corrobora os resultados encontrados nesse estudo, onde verificou-se em várias manifestações, que as mulheres pedem desculpas por seu desempenho mais frequentemente que os homens.

Tabela 6 - Frequência das categorias nos discursos em Brasília. Fonte: PlaceAge, 2019.

Também houve muitas referências à beleza dos espaços retratados. Do total, 10% dos homens e 30% das mulheres fizeram comentários dessa natureza. A fotografia está intimamente ligada ao culto da beleza e jovialidade e as mulheres lidam com fortes cobranças de ordem estética. Essa preocupação com a estética fez com que uma das idosas que não quisesse se autorretratar. Para Cheung-Lucchese e Alves (2013), a representação social do corpo feminino está mais associada à cobrança social, às preocupações de estéticas e à frustração. Talvez por isso, lidar com a autofotografia seja mais delicado para as mulheres que passam pelo processo de envelhecimento.

Com relação à insegurança, manifestada em inúmeras falas femininas, observa-se que há maior dificuldade de interação com o meio urbano e, portanto, de participação social e exercício da cidadania. Assim, atividades cotidianas podem ser mais limitadas para este grupo de gênero. O medo de ser repreendida ao desenvolver certas atividades pode alterar a percepção e a interação da mulher com o espaço urbano, além da forma como ela constrói seus territórios sociais.

Dessa forma, os resultados desta investigação concordam com a diferenciação do processo do envelhecimento por gênero proposta por Daniel, Simões e Monteiro (2012), além de constatarem as desvantagens ocasionadas pela soma dos fatores idade e gênero.

Salienta-se que a visão excessivamente crítica das participantes quanto ao produto final não condiz com a realidade. Os resultados da aplicação dos Diários Fotográficos, por sua qualidade, foram transformados em um livro bilíngue (inglês-português)¹⁰. O livro apresenta uma coleção de imagens capturadas por participantes idosos da pesquisa, tanto do Brasil quanto do Reino Unido.

Tendo por base esses elementos, é possível afirmar que na realização de uma tarefa dessa natureza, analisada a partir de um viés de gênero, pode-se esperar diferentes comportamentos por parte dos respondentes, influenciados pela construção de gênero. Ao implementar a atividade do diário fotográfico, os pesquisadores já estavam em busca de um procedimento que evitasse resultados pré-estabelecidos, como nos alerta Bordieu (2007). No entanto, sendo o viés de gênero uma perspectiva mais recente, não ocorreu para os pesquisadores que a construção social de gênero levasse a experiências tão diferentes numa mesma tarefa.

Os resultados desse estudo corroboram que há necessidade de se pensar em metodologias complementares em estudos de gênero, que neste caso, poderiam contribuir para um melhor desenvolvimento desse trabalho com os diários fotográficos. Prevendo todas as auto avaliações críticas, as alegações e os pedidos de desculpas pela incapacidade de realizar o processo, poderiam ser pensados procedimentos adotados em pesquisa-formação. Essa metodologia permite aos participantes a possibilidade de mudança de práticas, colocando os idosos como objetos e sujeitos do próprio processo (PRADA, 2012). A pesquisa-formação tem base na pesquisa-ação e produz experiências que são vivenciadas de forma a gerar conscientização.

10 PORTELLA, A.; WOOLRYCH, R. (org.). Ageing in place: narratives and memories in the UK and Brazil / Envelhecendo no lugar: narrativas e memórias no Reino Unido e no Brasil. Pelotas: UFPEL, 2019. 304 p.

Conclusões

O processo da construção da imagem de gênero afeta diretamente o desempenho e a execução de atividades cotidianas de diversas maneiras, produzindo limitações significativas. Essas limitações se referem tanto à participação social em geral quanto à, especificamente, a participação em metodologias científicas. Ao comparar ao discurso dos participantes, o destaque da autocrítica no discurso das mulheres idosas e da sua preocupação em suprir as expectativas e evitar o julgamento das outras pessoas, são identificados indícios de uma cobrança própria mais significativa e que, por vezes, pode resultar na desistência da atividade antes mesmo de que haja alguma tentativa de realizá-la.

Ao demonstrarem maior preocupação com a cobrança e com um possível comportamento antissocial de desconhecidos em meio urbano as mulheres sinalizam para, talvez, uma diferença de percepção importante destes ambientes capaz de condicionar ações e a prática de certas atividades. As sensações de insegurança e de constante julgamento se mostram claramente presentes em seus cotidianos e esses obstáculos revelaram-se ressoantes especialmente no espaço urbano, apontando a necessidade de uma perspectiva feminista no enfoque ao direito à cidade.

A evolução da participação social e do exercício da cidadania pela mulher está diretamente ligada ao acesso progressivo a novos territórios que antes lhes eram negados. Se a construção social do gênero feminino está historicamente vinculada ao território doméstico, para que a mulher se aproprie do território da cidade é preciso considerar, em estudos urbanos, tudo aquilo que pode privar as mulheres idosas de passar por novas experiências, de desenvolver novos interesses e atividades, de conhecer novos lugares e de ampliar seus conhecimentos.

Enquanto isso, a sinalização masculina para certas dificuldades de manejo do equipamento deixa claro que os problemas na realização da tarefa não refletem discrepância de capacidades com viés de gênero. Pelo contrário, o fato aponta, talvez, para uma maior resistência em admitir fraquezas e hesitação.

Desse modo, os resultados dessa pesquisa sugerem que, em estudos de gênero, seria fundamental buscar metodologias complementares, permitindo uma maior aproximação às realidades sociais vivenciadas pelos sujeitos, realçando diferenças e possibilitando maiores contribuições ao conhecimento.

Agradecimentos

As autoras agradecem ao *Economic and Social Research Council* (ESRC), do Reino Unido, pelo financiamento da pesquisa relatada neste artigo, no valor de £808.289 libras esterlinas.

As autoras também agradecem às equipes formadas por bolsistas e pesquisadores (as) colaboradores (as) do projeto *PlaceAge* em Pelotas, Belo Horizonte e Brasília, responsáveis pela coleta dos dados utilizados nas análises deste artigo.

Referências

- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BOURDIEU, P. *A Miséria do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CAIXETA, J.; BARBATO, S. "Identidade feminina: um conceito complexo". *Paidéia*, Vol. 14, N. 28, pp.211-220, 2004.
- CARMONA, M. et al. *Public Places - Urban Spaces: The dimensions of urban design*. Burlington: Architectural, 2003.
- CASTRO, M. C.; GURZENDA, S.; TURRA, C. M.; KIM, S.; ANDRASFA, T.; GOLDMAN, N. Reduction in life expectancy in Brazil after COVID-19. *Nature Medicine*, [S.L.], v. 27, n. 9, p. 1629-1635, 29 jun. 2021. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/s41591-021-01437-z>.
- CHALHOUB, S. *Trabalho, lar e botequim: O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHEUNG-LUCCHESI, T.; ALVES, C. "Percepção do Corpo Feminino e os Comportamentos de Consumo de Serviços de Estética". *Organizações em Contexto*. Vol. 9, N. 18, pp. 271-294, 2013.
- COLLING, A. A construção histórica do feminino e do masculino. In: STREY, M.; CABEDA, S.; PREHN, D. (Orgs.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. pp. 13-38.
- CHRISLER, J. C.; SMITH, C. A. Feminism and psychology. In: M. A. Paludi (Org.), *Praeger guide to the psychology of gender*. Westport: Praeger, 2004. p. 271-292.
- DANIEL, F.; SIMOES, T.; MONTEIRO, R. "Representações sociais do Envelhecer no masculino e do Envelhecer no feminino". *ExAequo*, N. 26, pp. 13-26, 2012.
- D'AVILA, M. N. *Idosas cidadãs: a participação social como produtora de subjetividade no projeto mulheres da paz*. 2013. 28 f. Monografia (Especialização) - Gestão da Atenção À Saúde do Idoso, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- DIAS, L. Homem e mulher: estratégias linguísticas diferentes? In: IX CNLF, Rio de Janeiro, 2005. Cadernos da CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005.
- FERNANDES, M. das G. M.. Papéis sociais de gênero na velhice: o olhar de si e do outro. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 62, n. 5, p. 705-710, 2009.
- FIGUEIREDO, M. do L. F. et al. As diferenças de gênero na velhice. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 4, p. 422-427, 2007.
- FILIZOLA, M. L. S.; VON SIMSON, O. R. de M.. Fotografia e pesquisa-ação: uma experiência. *Etd - Educação Temática Digital*, [S.L.], v. 12, n. 2, pp. 211-232, 22 nov. 2011. Universidade Estadual de Campinas. <http://dx.doi.org/10.20396/etd.v12i2.1197>.
- FREITAS, J. O.. O consumo de álcool e sua relação com a violência contra a mulher na cidade de Vitória, Espírito Santo. In: Encontro Nacional Do Gênero/ANPUH, 1, 2014, Vitória. *Anais [...]*. Vitória, 2014.
- GARCIA, M. F.; THOMAZ JUNIOR, A.. Trabalhadoras rurais e luta pela terra: interlocução entre gênero, trabalho e território. *Terra Livre*, n. 19, p. 257-272, 2002.
- GARROS, D. dos S. C.; HIRANO, É.; MASELLA, G. de F.; TOYODA, C. Y.. Oficina de fotografia como recurso terapêutico ocupacional com idosos. *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - Revisbrato*, [S.L.], v. 1, n. 5, p. 589-602, 1 nov. 2017. Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional. <http://dx.doi.org/10.47222/2526-3544.rbto8468>.
- GIFFORD, R. *Environmental psychology: Principles and practice*. Colville: Optimal Books, 2007.
- GOLDENBERG, M. Afinal, o que quer a mulher brasileira? *Psicologia Clínica*, v. 23, n. 1, p. 47-64, 2011.
- GONÇALVES, M. P.; BELO, R. P. Ansiedade-traço competitiva: diferenças quanto ao gênero, faixa etária, experiência em competições e modalidade esportiva em jovens atletas. *Psico-usf*, v. 12, n. 2, p. 301-307, 2007.
- GUIMARÃES, D. Primeiras Fotógrafas: a ocupação do espaço feminino na história da fotografia. In: GUIMARÃES, D.; DAVINO, G.; BARCELLOS, J. A. de; BETTI, J. G.; MARGADONA, L. A.; PIAGGIO, L.; ANTUNES, M. J.; VIOLA, N. M. (org.). *Registros*. Aveiro: Ria Editorial, 2020. Cap. 4. p. 63-81.
- HARPER, D. Talking about pictures: a case for photo elicitation. *Visual Studies*. v. 17, n.1, 2002. p. 13-26.
- IBGE. Ministério do Planejamento Desenvolvimento e Gestão. *Projeções da população 2018*. 2018.
- IBGE. *Tábua completa de mortalidade para o Brasil – 2019*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e Sociedade*, v. 18, n. 4, p. 733-743, dez. 2009.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. Tradução: Rubens Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- LIBARDONI, T. *Espaços públicos urbanos & relações intergeracionais: Affordances de suporte a jovens e idosos no centro histórico de Pelotas*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.
- LIBARDONI, T. D.; CHIARELLI, L. M. Á. Active ageing and urban sociability: a study on older women. In: JONES, M.; RICE, L.; MERAZ, F. A. (ed.). *Designing for Health & Wellbeing: home, city, society*. Delaware: Vernon Press, 2019. p. 219-234.
- LINO, T. R.; MAYORGA, C. As mulheres como sujeitos da ciência: uma análise da participação das mulheres na ciência moderna. *Saúde & Transformação Social*, v. 7, n. 3, p. 96-107, 2016.
- LOMBARDI, M. "Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional". *Cadernos de Pesquisa*. Vol. 36, N. 127, pp.173-202, 2006.

NARVAZ, M.; KOLLER, S.. „Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política”. *Psicologia em Estudo*. Vol. 11, N. 3, pp. 647-654, 2006.

NEVES, S.; NOGUEIRA, C. A psicologia feminista e a violência contra as mulheres na intimidade: a (re)construção dos espaços terapêuticos. *Psicologia e Sociedade*, v. 15, n. 2, p. 43- 64, 2003.

OLIVEIRA, P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Organização Mundial da Saúde. *Pessoas com mais de 60 anos foram as mais atingidas pela COVID-19 nas Américas*. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/30-9-2020-pessoas-com-mais-60-anos-foram-mais-atingidas-pela-covid-19-nas-americas>. Acesso em: 11 maio 2022.

PAIS, J. C. M. *Um Retrato do Olhar: conversas à volta de fotografias*. 2020. 159 f. Dissertação (Mestrado) - Intervenção e Animação Artísticas, Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, 2020.

PARK, M. “Possibilidades de uso da fotografia na elaboração de projetos pedagógicos”. *Resgate*. N. 10, pp. 29-58, 2001.

PLACEAGE. *Projetando lugares com idosos: rumo às comunidades amigas do envelhecimento = Place-making with older adults: towards age-friendly communities*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, v. 1, n. 1, 2019. Bimestral.

PRADA, E. Metodologias de pesquisa-formação de professores nas dissertações, teses: 1999-2008. In: ANPED SUL, 9, Caxias do Sul, 2012, *Anais [...]*. Caxias do Sul: UCS, 2012.

PUJOL, L. *Por que mais mortes entre homens por covid-19 ainda é mistério para a Ciência*. 2020. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55051476>. Acesso em: 11 maio 2022.

RICHARDTZ, T.; SANTANA, Z. Relações de gênero e facilidade/dificuldade de aprendizagem: A influência dos estímulos recebidos na educação não formal e a repercussão no desempenho escolar. In: Fazendo gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 2010, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2010.

ROLNIK, Raquel. *O que é Cidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SILVA, M. B. N.. *Sociabilidade e memória: as formas de interação de aposentados no calçadão da Rua Halfeld em Juiz de Fora*. 2014. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Ciências Sociais, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.

SILVA, R. R. G. da. Fotografia e representação na constituição da memória. *Ciência da Informação*, [S. l.], v. 43, n. 3, 2018. DOI: 10.18225/ci.inf.v43i3.3959. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/3959>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SOUZA, A. *Mulher, uma força que caminha: um estudo de caso em Brasília e Lisboa*. Tese (Doutorado em Transportes Urbanos) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

TEITELBAUM, P. A teoria feminista e os testes padronizados. In: JAGGAR, A.; BORDO, S. (Orgs.), *Gênero, corpo, conhecimento*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. p. 333-345.

TOLEDO, R. F. de; GIATTI, L. L.; JACOBI, P. R.. A pesquisa-ação em estudos interdisciplinares: análise de critérios que só a prática pode revelar. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 18, n. 51, p. 633-646, 2014.

TONKISS, F. *Space, the city and social theory: Social relations and urban forms*. Cambridge: Polity, 2005.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. de S. Socialização de gênero e adolescência. *Estudos Feministas*, v. 13, n. 1, p. 147-162, 2005.

UNITED NATIONS (UN). Department of Economic and Social Affairs, Population Division. *World Population Prospects 2019: Highlights*. NY: United Nations, 2019.

WORLD ASSEMBLY ON AGING, 1., 1982, Viena. *The Vienna International Plan of Action on Aging*. New York: United Nations, 1983.

WHO. *World health statistics 2020: monitoring health for the SDGs*. Geneva: WHO, 2020.

XAVIER, I. B.. Gênero, trabalho e lazer. In: Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: 2006. p. 393 - 406.

YANNOULAS, S. “Feminilização ou Feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria”. *Temporalis*. Vol. 11, N. 22, pp. 271-292, 2012.